

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS DOM JOSÉ VASQUEZ DÍAZ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

IARA RIBEIRO BEZERRA

RELAÇÕES FAMILIARES PATRIARCAIS, ADULTÉRIO E ESCRAVIDÃO EM
***MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*, DE MACHADO DE ASSIS**

BOM JESUS-PI

2025

IARA RIBEIRO BEZERRA

**RELAÇÕES FAMILIARES PATRIARCAIS, ADULTÉRIO E ESCRAVIDÃO EM
MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciada em
Letras Português, sob a orientação do Professor Dr.
Adriano Lima Drumond.

BOM JESUS-PI

2025

**RELAÇÕES FAMILIARES PATRIARCAIS, ADULTÉRIO E ESCRAVIDÃO EM
MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRAS CUBAS, DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras Português, sob a orientação do Professor Dr. Adriano Lima Drumond.

Aprovado em: ____/____/____

Banca examinadora:

Prof. Dr. Adriano Lima Drumond
(Presidente)

Prof. Me. Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha
(Primeiro Examinador)

Prof. Ma. Lívia Maria da Costa Carvalho
(Segunda Examinadora)

**RELAÇÕES FAMILIARES PATRIARCAIS, ADULTÉRIO E ESCRAVIDÃO EM
*MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRAS CUBAS, DE MACHADO DE ASSIS***

Aluna: Iara Ribeiro Bezerra

Orientador: Prof. Dr. Adriano Lima Drumond

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, com ênfase nas relações familiares patriarcais, o adultério e a escravidão. Além da obra, foram utilizadas fontes secundárias para a resolução da pesquisa, em destaque: *História concisa da Literatura Brasileira* (2006), de Alfredo Bosi; *Um Mestre na periferia do capitalismo* (2000) e *Ao Vencedor as batatas* (2000), de Roberto Schwarz; “A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro”, de Alessandra Rufino Santos (2008). A crítica social realizada por Machado de Assis no romance parte de aspectos relacionados com os moldes patriarcais e escravagistas da sociedade brasileira no século XIX e se articula com aspectos da literatura realista, que se inicia no Brasil justamente graças à publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A metodologia da pesquisa é um estudo bibliográfico, qualitativo e interpretativo. Os resultados obtidos na pesquisa estão relacionados às críticas que Machado de Assis fazia através de personagens ficcionais para representarem a maneira como as pessoas eram tratadas em suas diferentes situações durante a sociedade brasileira do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura. Machado de Assis. Patriarcalismo. Adultério. Escravidão.

ABSTRACT

This study aims to analyze the novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, by Machado de Assis, with emphasis on patriarchal family relationships, adultery and slavery. In addition to the work, secondary sources were used for the resolution of the research, highlighted: *História Concisa da Literatura Brasileira* (2006), by Alfredo Bosi; *Um mestre na periferia do capitalismo* (2000) and *Ao Vencedor as batatas* (2000), by Roberto Schwarz; A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro, by Alessandra Rufino Santos (2008). The social criticism made by Machado de Assis in the novel starts from aspects related to the patriarchal and slave molds of Brazilian society in the nineteenth century and articulates with aspects of realistic literature, which begins in Brazil precisely thanks to the publication of *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. The research methodology is a bibliographic, qualitative and interpretative study. The results obtained in the research are related to the criticisms that Machado de Assis made through fictional characters to represent the way people were treated in their different situations during the Brazilian society of the nineteenth century.

KEYWORDS

Literature. Machado de Assis. Patriarchalism. Adultery. Slavery

1 INTRODUÇÃO

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839 e faleceu em 29 de setembro de 1908, na cidade do Rio de Janeiro. Era romancista, poeta, contista e dramaturgo, escreveu diversas obras literárias, entre as quais se destacam o livro de poemas *Americanas* (1875), os romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1899), os livros de contos *Contos fluminenses* (1870), *História da meia noite* (1873) e as peças teatrais *Desencantos* (1861) e *Os deuses de casaca* (1865). O escritor obteve uma grande repercussão ao publicar, no ano de 1881, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, obra que possibilitou um grande avanço para a literatura brasileira, por apresentar aos leitores um novo estilo de escrita literária.

Ao longo de sua jornada, Machado de Assis possuiu duas fases literárias: a primeira com obras românticas e a segunda com obras realistas, nas quais o autor abandonava uma visão mais idealista, típica do Romantismo, para adotar uma perspectiva mais crítica sobre a sociedade, abordando temas como o adultério, a escravidão, distinção de classes sociais etc.

Atualmente, *Memórias póstumas de Brás Cubas* é considerado um clássico da literatura pela retratação da sociedade brasileira pertencente ao século XIX, época marcada pela Independência do Brasil, pela monarquia e a transição para a república em 1889, pela escravidão e sua abolição em 1888, e pelo patriarcalismo. Os personagens representam o contexto social através da ironia, recurso bastante utilizado pelo autor, com a implementação de temas como o adultério.

Alfredo Bosi (2006) destaca a obra como “uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente.” (Bosi, 2006, p. 177)

A história é narrada por Brás Cubas, que conta a vida após a sua morte (é um “defunto- autor”), expondo a sua história desde o nascimento, seus afetos e seu grande amor por Virgília, mulher casada, com que se relaciona como amante. Todos esses fatos foram relatados de forma fragmentada iniciando pelo seu falecimento, depois o nascimento,

adolescência, seus amores, até o seu último capítulo de “negativas”, em que o autor informa o “saldo” que obteve ao fim de sua vida.

A problematização da pesquisa se baseia na análise crítica aos padrões culturais da sociedade brasileira no século XIX, presente na obra escrita por Machado de Assis. O presente estudo tem como objetivo analisar o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, com enfoque nas relações familiares patriarcais, o adultério e a escravidão, temas representados pelos personagens Brás Cubas, Eugênia e Prudêncio. Os objetivos específicos serão a contextualização da presença do romantismo e realismo na obra, além de identificar a presença do patriarcalismo no contexto familiar, e analisar o adultério e a escravidão transcritos na obra.

Como fontes secundárias para a pesquisa foram utilizadas: *História concisa da Literatura Brasileira* (2006), de Alfredo Bosi; *Literatura Machadiana: Patrimônio cultural que expressa a dinâmica social e dimensão imaterial de um Povo* (2020), de Murilo Chaves Vilarinho; *Um mestre na periferia do capitalismo* (2000) e *Ao Vencedor as batatas* (2000), de Roberto Schwarz; *A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro* (2008), de Alessandra Rufino Santos.

2. Evolução literária do século XIX e a crítica social.

Exploraremos, com auxílio de bases teóricas, a contextualização do Romantismo e a transição para o Realismo na literatura brasileira do século XIX e as críticas apresentadas na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, à sociedade representada por três personagens: Brás Cubas, Eugênia e Prudêncio.

2.1 Literatura brasileira no século XIX

A literatura desempenha um papel importantíssimo para o desenvolvimento social, por analisar os aspectos fundamentais existentes ou até mesmo que já existiram em uma sociedade, servindo como meio de informação e contextualização. Entretanto, o seu surgimento no Brasil ocorreu primeiramente de forma documental, para informar

determinados assuntos através de cartas, durante a colonização portuguesa, como afirma Santos (2008):

A literatura se consolida entre os brasileiros como tradição documental desde o período colonial, quando os homens eram enviados ao nosso país para escrever ofícios e relatórios de acordo com as exigências burocráticas, proporcionando uma junção do imaginário com o mundo dos negócios. Dessa forma, literatura e documento, passam a ter a mesma importância ao realizarem descrições históricas e geográficas norteadas por um orgulho nacional, visto que a exploração do Brasil, as guerras de conquista por Portugal, a determinação bandeirante do português e de outros europeus a caminho da interiorização brasileira, fundamentaram os primeiros escritos de caráter literário em nosso país (Santos, 2008, p.3).

Para Bosi (2006), o envio da carta de Pero Vaz de Caminha a Portugal escrita no Brasil inaugura a literatura em nosso país, ao informar a descoberta de um novo território e os costumes dos povos que já existiam nele. As cartas eram bastantes utilizadas durante as navegações para noticiarem as descobertas feitas pelos europeus.

Além disso, a literatura apresenta diferentes temas que são voltados para as questões relacionadas ao meio social, cultural, entre outros aspectos, que estão em conjunto para a identificação de uma determinada sociedade. Entretanto, a sua utilização pelos escritores possibilitou uma exposição mais detalhada dos fatos que lhes contradizem ou são a favor de determinadas situações.

Segundo Santos (2008), somente a partir do século XVI, a literatura consolidou-se como uma produção artística no Brasil. No início suas publicações eram direcionadas para pequenos grupos de pessoas, mas somente no século XIX conseguiram alcançar novos públicos, possibilitando novas descobertas literárias. Dessa forma, os escritores que iniciaram sua jornada literária durante a fase inicial da literatura brasileira enfrentaram diversos obstáculos para conseguirem atingir um público maior de leitores.

2.2 A transição literária do Romantismo para o Realismo brasileiro do século XIX

O Romantismo é caracterizado por ser um dos movimentos literários mais conhecidos, por possuir como tema o amor, as guerras, as amizades, além dos costumes sociais. Além de um modelo idealizador que, mesmo ao chegar ao Brasil, as obras continuavam a ter traços que representavam um modelo clássico europeu. Bosi (1936) informa que, naquela época, o

“gênero entre todos contemplado foi o romance”, sendo considerado “a revolução literária do Terceiro Estado”.

A partir do Romantismo houve um enorme avanço literário para os escritores brasileiros, com vínculos da literatura Europeia, como afirma Schwarz (2000) “O romance existiu no Brasil antes de haver romancistas brasileiros. Quando apareceu, foi natural que estes seguissem os modelos bons e ruins, que a Europa já havia estabelecido em nossos hábitos de leitura”. (Schwarz, 2000, p.35)

O Romantismo foi um movimento literário dominante na Europa, mesmo quando ocorreu contradições relacionadas a emoção e a razão apresentadas nas obras, conforme Pereira (2021):

O Romantismo, até meados do sec. XIX, dominava o imaginário popular e as produções artísticas e culturais europeias, predominando um caráter subjetivo na apreciação do ambiente exterior ao sujeito, que, oposto ao racionalismo neoclássico, configura-se como uma manifestação desordenada e irregular de suas emoções (PEREIRA, 2021, p.).

Entretanto, em meados do século XIX, escritores decidiram se opor à estética romântica e inovaram o modelo de escrita, a estrutura, os personagens. Surgiu então o realismo, que, no Brasil, é inaugurado pela publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, em 1881.

Bosi (1936) afirma que o realismo utiliza personagens e temas voltados para a exposição social, mediante a ficção. Candido (2006) destaca: “De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial.” (CANDIDO, 2006, p.13). Ou seja, as obras ao serem publicadas estabeleciam uma função de expor sim ou não a realidade e isso simbolizava algo essencial para que o leitor pudesse perceber o significado de uma obra, sendo ela realista ou romântica.

Gumbrecht (2018) afirma que a percepção realista de algo varia conforme

O uso corriqueiro desse substantivo, por referir-se a uma suposta proximidade entre obras de arte e a “realidade” que lhes serve de ambiente, não sobrevive ao teste nem mesmo de uma crítica filosófica branda, pois já está provado que tanto aquilo que é tomado como “real”, quanto aquilo que se enxerga em uma obra de arte como “correspondente à” ou “próximo da Realidade”, varia no tempo (Gumbrecht, 2018, p.5).

Em contradição ao Romantismo e favorecimento do movimento realista, Pereira (2021) destaca que

Ao contrário do que ocorre no romance, o enredo realista não apresenta grandes eventos, nem narra a saga de grandes heróis; e sim trata de questões cotidianas, comuns que evidenciam, a partir dos conflitos dos personagens, aspectos morais da natureza humana e de sua fragilidade existencial como em *Madame Bovary*, o adultério, temática que causou forte abalo na crítica da época. Há, portanto, aqui a quebra do paradigma do herói romanesco (Pereira, 2021, p.3).

Além disso, Pereira (2021) caracteriza o realismo como “uma realidade histórica, social e filosófica, uma análise psicológica/sociológica de seus personagens. Temos que o Realismo trata de assuntos do cotidiano de pessoas comuns de uma dada sociedade. Conforme Siffert (2020) e Pereira (2021), Machado de Assis, ao escrever uma vasta coleção de obras identificadas com o realismo, foi um dos escritores brasileiros que melhor representaram o movimento realista.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, percebemos a maneira como os acontecimentos são apresentados por meio de uma linguagem, que, segundo Lula, Sacchetto e Fernandes (2001), teria que “ser transparente para representar fielmente o real, quer dizer, a sociabilidade, os fatos (acontecimentos) e os costumes das personagens nos seus ambientes são mais representativos do que nas outras manifestações.” (LULA; SACCHETTO; FERNANDES, 2001, p.3)

Machado de Assis, ao criar uma obra crítica aos padrões culturais estabelecidos, às relações familiares patriarcais, à escravidão, ao adultério, mostra ter abandonado as propostas românticas e ter se baseado em uma análise crítica, focada no Realismo, como afirma Carmo e Silveira (2023):

Diante disso, pode-se dizer que a escrita dos autores realistas do século XIX é marcada por uma série de críticas à sociedade, assim como reflexões acerca dos comportamentos da época, objetivando retratar o homem e o cenário no qual estava inserido. Os escritores realistas não se contentavam com as idealizações do Romantismo, pois queriam desnudar a dura realidade, abordando temáticas como o adultério, fragilidade do homem, egoísmo, falha de caráter e o cotidiano tedioso (Carmo e Silveira, 2023, p.17).

A literatura realista foca em aspectos sociais em conjuntos aos políticos, buscando apresentar o meio social focando na realidade, sem idealizações exageradas, como a literatura

romântica. Em suma, o romantismo apresenta uma abordagem literária idealizadora, enquanto que o realismo em uma narrativa focada em questões sociais de forma crítica.

2.3 Relações familiares patriarcais no século XIX

A família é situada pela sociedade como um meio social que exerce uma importante função em nossas vidas, por apresentar ações que interferem de forma positiva ou contrária na tomada de decisões. Por um momento, ela desempenhava um papel rígido na vida dos seus indivíduos, com a denominação de um homem como chefe da casa, que deveria exercer poder sobre a sua esposa e a seus filhos obrigando-os a se casarem com alguém que não gostasse, somente com a intenção de obter um excelente status social, mas, essa doutrina é pouco utilizada atualmente. Portanto, a família não se caracteriza apenas por um modelo específico, mas por mudanças que ocorrem com o tempo e que modificaram esses padrões.

A família, ao longo dos anos, vem desempenhando um forte impacto na vida individual de cada pessoa, independentemente de sua classe social. Reis (2021) informa que as famílias sofreram diversas transformações, creditando isso ao avanço industrial e à urbanização das cidades, favorecendo diante disso, a transição familiar moderna.

Ao decorrer dos avanços tecnológicos e a facilidade com que somos levados a mudar uma rotina para outra, devido a isso facilita bastante a nossa evolução no individual e principalmente familiar, como, por exemplo, ao patriarcalismo. Segundo Barreto (2004),

Patriarcalismo pode ser definido como uma estrutura sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura. Nesse sentido, o patriarcado funda a estrutura da sociedade e recebe reforço institucional, nesse contexto, relacionamentos interpessoais e personalidade, são marcados pela dominação e violência (BARRETO, 2004, p.1).

Sendo considerado de forma histórica como uma produção da elite social da época que beneficiava primeiramente os homens no meio familiar, designando-os de forma superior às mulheres, apresentando aos homens ações de poder tanto na área política e também

econômica. Criando uma desigualdade entre as mulheres, desvalorizando-as nos setores que antigamente era visto sendo ocupado apenas por homens.

Carmo e Silveira (2023) ressaltam que em uma cidade onde à utilização do sistema Patriarcal, a desigualdade é manifestada entre homens e mulheres, principalmente nas definições relacionadas ao trabalho, em especial na ocupação de cargos. Os homens eram designados a trabalhos que envolviam cargos superiores, já as mulheres eram vistas como figuras submissas, que necessitavam deles para viverem. Toda essa desigualdade está associada ao patriarcalismo que idealizava o homem como ser autoritário e as mulheres em posição de inferioridade, envolvendo quaisquer contextos.

Segundo Oliveira (2018), o conceito de família está associado a um agrupamento de pessoas que se juntam não por questões biológicas, mas por de laços afetivos e sociais, sejam elas incluídas no meio familiar. Já, a família patriarcal era caracterizada por uma forma social que estava ligada diretamente ao Estado, por se apoiar nele e se torna uma classe de poder na elite. Essa classe dominante era exercida pelo chefe da casa que era designado pelo homem, ou seja, que também dependia do apoio do Estado local, enquanto as famílias menos favorecidas não recebiam esse apoio, mas apoiavam fortemente o Estado.

O sistema econômico das famílias patriarcais brasileiras da época, organizava-se com a utilização da agricultura e da escravidão. Mas, havia situações de que demonstravam dificuldades para realizar esse sistema, como o clima e a resistência de alguns escravos. Apesar disso, os brasileiros se adaptaram a essas circunstâncias, como afirma Alves (2018):

A família patriarcal, então, organizava-se tendo um sistema econômico de monocultura, latifundiário e escravocrata, do norte ao sul do Brasil, e que precisava se consolidar, enfrentando as adversidades do clima tropical, de indígenas e africanos hostis ou insubmissos, de invasores estrangeiros etc. Porém, a característica do português, “cosmopolita e plástico”, dado a “miscibilidade” e “aclimatabilidade”, foi compondo com as características próprias das outras culturas indígenas e negras da qual teve contato, impondo-se e modificando-se de acordo com as necessidades de sobrevivência nesta colônia portuguesa na América. Cada cultura com sua etnia contribuiu decisivamente para a formação do Brasil, sob a grande instituição de caráter familiar (Alves, 2018, p. 51).

Nesse sentido, as famílias não se destacam apenas pela quantidade de pessoas, mas pelo núcleo familiar, a qual pertence. Portanto, percebe-se como as famílias desse século utilizavam um estilo de vida que demonstravam poder sobre as esposas e filhos, pois os homens eram destinados a estudarem, ingressarem no meio político e ao casamento, visto

como elevação da classe social, já as mulheres eram destinadas apenas ao casamento para submissão aos homens.

O adultério na sociedade patriarcal era visto rigorosamente como uma prática não aceitável pela sociedade em especial, se era exercido por uma mulher, caso isso ocorresse as consequências seriam drásticas tanto para ela ocasionadora do ato como para a sua família que era desonrada perante a sociedade. Sobre isso, Carmo e Silveira (2023) informam que “Na sociedade patriarcal do século XIX, o adultério feminino era visto rigorosamente como algo imoral, em que a mulher estaria manchando a honra e dignidade do marido e da sua própria família”.

Carmo e Silveira (2023) também informam que o destino das mulheres após os casamentos era serem obedientes e submissas a seus maridos. Os homens, ao cometerem adultério, costumavam receber penalização inferior à das mulheres, que não gozavam de maior autonomia social. Aquela sociedade com vínculos patriarcais via o homem como alguém mais inteligente e que cuidaria de forma mais correta e lucrativa da família.

2.4 Escravidão no século XIX

O sistema escravista era algo muito utilizado pela elite do século XIX, como meio financeiro que, segundo Schwarz (2000), “Toda ciência tem princípios, de que deveria o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato ‘impolítico e abominável’ da escravidão” (SCHAWARZ, 2000, p.11). Os escravos eram trazidos de forma desumana para o país, para trabalharem em serviços pesados e servirem aos seus senhores como estes bem quisessem.

Além disso, Santos (2008) explica que os negros e índios durante aquela época eram vistos como classe inferior aos brancos, ao pensarem que por serem de culturas diferentes, e possuírem um tom de pele diferente, ocorreria uma retardação no desenvolvimento do país. Por isso, incentivavam a miscigenação dessas pessoas para que chegassem ao padrão destinado da Europa.

Como destaca Vilarinho (2020), “A instituição escravista não passou despercebida por Machado de Assis. Durante anos e anos, expoentes intelectuais da crítica literária brasileira, em alguma medida, têm asseverado a imparcialidade machadiana, no que concerne à

abordagem da temática negra em seus escritos.” (VILARINHO, 2020, p.105). Machado sempre procurou representar em suas obras o contexto escravista, mesmo não explicitamente.

Segundo Schwarz (2000), esse assunto era utilizado como crítica a sociedade capitalista, que Machado de Assis descrevia em suas obras, como em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, com o escravo Prudêncio, que Brás recebe ainda criança, para servi-lo como bem entender, até mesmo se passando por um cavalo.

3. METODOLOGIA

A pesquisa é desenvolvida pela análise da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (2009), com o intuito de avaliar e descrever a presença das relações familiares patriarcais, adultério e da escravidão presentes na sociedade do século XIX.

O objetivo geral é investigar a crítica aos comportamentos sociais representados na obra, tendo por parâmetro os traços românticos e realistas. Os objetivos específicos serão a contextualização da presença do romantismo e realismo na obra, além de identificar a presença do patriarcalismo no contexto familiar, e analisar o adultério e a escravidão transcritos na obra, através dos personagens que representam esses contextos na pesquisa: Brás Cubas, Eugênia e Prudêncio.

A pesquisa é um estudo bibliográfico, qualitativo e interpretativo com enfoque na análise descritiva das relações familiares patriarcais, do adultério e da escravidão presentes em capítulos selecionados da obra, que são: I, XI, XII, XIV, XXII, XXXIII, XLIII e LXVIII, com um total de 14 trechos. Juntamente fontes intermediárias serão utilizadas de forma alinhada aos objetivos propostos pela pesquisa, como artigos acadêmicos e livros.

A análise bibliográfica ocorrerá por meio de dados coletados através da leitura e seleção dos capítulos da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, além de outros livros e análise documental de artigos acadêmicos selecionados para a execução da pesquisa, com o auxílio de estudiosos críticos e teóricos.

4. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

A análise ocorreu a partir de capítulos e trechos selecionados da obra que continham a presença dos personagens estudados, juntamente com citações de estudiosos sobre os três contextos críticos presentes na obra: A família patriarcal, o adultério e a escravidão.

4.1 Brás Cubas e o sistema patriarcal

O enredo *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se passa na cidade do Rio de Janeiro, iniciada na época em que ocorre a queda napoleônica, no ano de 1814, e na independência do Brasil, ocorrida em 1822. Ao inaugurar o Realismo brasileiro, Machado decidiu inovar também o modelo realista proposto pela Europa, ao escrever uma obra com um narrador-personagem que é um defunto autor. Brás Cubas, logo de início, no primeiro capítulo, intitulado como “Óbito do autor”, afirma que não é um escritor que escreveu suas obras ainda em vida, mas alguém que veio a falecer e decidiu reviver as suas lembranças e contá-las. Dessa forma, o protagonista justifica a escolha de sua escrita:

Algun tempo hesitei se deveria abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi o outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo (ASSIS, 2009, p.23).

Brás Cubas nasceu numa família com regalias e excelente status social, em uma época em que o desejo dos pais era ter, principalmente, filhos homens, conforme a estrutura patriarcal típica do século XIX. Barreto (2004) explica que patriarcalismo

Pode ser definido como uma estrutura sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura (BARRETO, 2004, p.1).

Assim também (PINHEIRO, 2008; SAMARA, 2002; BRUSCHINI, 1997) *Apud* Andrade (2021) descreve o surgimento do patriarcalismo:

O patriarcado no Brasil surgiu com a colonização do país no século XVI, tendo o homem como a figura que detinha a autoridade, o poder político e econômico. As mulheres e seus descendentes deviam obediência à figura masculina, sendo submissos ao pai; no caso das mulheres a submissão se estendia ao marido (PINHEIRO, 2008; SAMARA, 2002; BRUSCHINI, 1997 *Apud* ANDRADE, 2021, p.4).

Em paralelo à crítica anterior, a família patriarcal, sistema no qual o homem é denominado como chefe da casa e um ser superior à figura feminina, na obra, essa representação se dá pela mãe de Brás, descrita por ele mesmo como: “Uma mulher fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na Terra o se deus” (ASSIS, 2009, p.40). Nota-se o forte impacto que esse sistema exercia sobre o público feminino dessa época, ao impossibilitá-las de expressarem as suas próprias opiniões e ideias. Além da submissão a seus cônjuges, e até mesmo aos demais membros da família que fossem homens. (Carmo e Silveira, 2023)

Por ser um sistema de favorecimento aos homens, o patriarcalismo necessitava de ações que contribuíssem para a permanência do poder social, o casamento, que deveria acontecer entre indivíduos do mesmo grupo social, como destaca Reis (2021):

As relações que se estabeleciam no interior da família patriarcal tinham como objetivo a manutenção do poder e da propriedade. Sendo assim, os casamentos eram endogâmicos, ou seja, realizados com membros do próprio grupo, a residência era patrilocal. Era o pai quem escolhia os futuros maridos para suas filhas, motivado sempre por fatores de ordem econômica e política. Os casamentos deviam ser realizados no sentido de manter e/ou ampliar o grau de poder e influência da família patriarcal (REIS, 2021, P. 162).

Portanto, esses casamentos não aconteciam necessariamente motivados por afeto, mas, acima de tudo, por interesses sociais e financeiros.

No período da adolescência, Brás encontra seu primeiro amor em Marcela. Segundo Schwarz (2000, p. 75 *Apud* Assis, 2009, p.48), “Seu primeiro cativo – uma paixão ‘impura’, por uma espanhola de vida alegre – coincide com os festejos da *Independência*, paradoxo que não é fortuito. ‘Éramos dois rapazes, o povo e eu; vínhamos da infância, com todos os arrebatamentos da juventude.’”. Mas, foi impedido de continuar seu namoro com Marcela pelo seu pai, quando descobre que Brás estava utilizando todo o dinheiro da família na compra de presentes caros para ela, e assim o obriga a viajar para estudar na Europa, a fim de posteriormente conseguir um cargo político, sem manchar o nome da família ao ser casar com ela.

Brás Cubas retorna novamente ao Brasil, já adulto devido à notícia da doença de sua mãe. Com a partida dela, seu pai propõe a ele que deveria se casar e ingressar na política. Assuntos que eram importantíssimos para a época, por apresentar um favorecimento no status social e para a família em geral. Brás então, depois de insistência do pai, aceita seguir as ideias propostas e decide se casar com a filha do conselheiro Dutra, a Virgília. (ASSIS, 2009)

Por conseguinte, Brás Cubas, com a ajuda de seu pai investe no casamento com Virgília e na candidatura a ministro, mas a chegada de Lobo Neves à cidade impossibilita-o. Lobo Neves casa-se com Virgília e é eleito ministro. Virgília, por questões familiares e status, aceita o casamento, revelando como os vínculos sociais eram mais importantes na época do que o amor. Aceitando dessa forma, vincular-se a alguém por intermédio político e financeiro. Brás Cubas então destaca a sua indignação por meio da comparação entre dois animais, ao declarar que “Virgília comparou a águia e o pavão, e elegeu a águia, deixando o pavão com o seu espanto, o seu despeito, e três ou quatro beijos que lhe dera. Talvez cinco beijos; mas dez que fossem não queria dizer coisa nenhuma.” (Assis, 2009, p.85)

Para muitos, o casamento era visto como uma ajuda para a sua elevação em cargos políticos já exercidos pelos familiares da noiva ou que possuem certos privilégios ao trabalharem nesse contexto. No caso de Brás, ele pretendia se casar com Virgília não por interesses amorosos, mas por interesse político. Vale observar que, mesmo após não ter conseguido adquirir esses objetivos, Brás Cubas torna-se amante de Virgília, mostrando que provavelmente, apesar de interesses sociais, eles poderiam inicialmente ter adquirido algum afeto entre ambos. (Araújo, 2016; Ribeiro, 2016; Barbosa, 2016)

No romance de Machado de Assis (2009) é evidente como a família intervém nas escolhas individuais de cada personagem. Brás Cubas é incentivado pelo pai a ser casar e ingressar na política, mas não consegue. Posteriormente, também é induzido pela irmã a se casar com uma jovem chamada Dona Eulália de dezenove anos, sobrinha de Cotrim, que infelizmente morre antes do compromisso de casamento, devido à febre amarela.

Em suma, o narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas* diz que “O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada, vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutiladas, do arruído, frouxidão da vontade, do domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor” (ASSIS, 2009, p. 42). O contexto familiar do século XIX, em alguns casos, era dominador pelo patriarcalismo nas escolhas realizadas

pelas famílias, que obtinham poder para decidir como as suas vidas deveriam ocorrer, mas percebemos que Machado de Assis optou por escrever uma obra em que os personagens ilustrassem ações distintas do esperado por essa sociedade de forma irônica, como crítica a essas ações.

4.2 Eugênia e a questão do adultério

O adultério foi um dos temas utilizados por escritores do século XIX, que estavam ingressados no movimento realista, pela abordagem real do meio conjugal antes abordado apenas no contexto jurídico. (SIQUEIRA, 2020 *Apud* Carmo e Silveira, 2023, p. 124)

Na obra, o primeiro adultério foi cometido pela mãe de Eugênia, dona Eusébia, descrita por Brás como uma senhora de classe média, que assim como algumas pessoas de classe social, frequentava a sua casa.

Segundo (Assis, 2009, p.45) *Apud* Schwarz (2000) Eugênia foi nomeada como “A flor da moita”, por possuir uma beleza marginalizada de uma jovem de classe social inferior, e ser filha de um relacionamento extraconjugal, entre Dona Eusébia, senhora de classe inferior, que frequentava a casa dos Cubas e Doutor Vilaça, “um glosador de 47 anos, casado e pai”. Os dois mantinham um relacionamento em sigilo, devido ao grande impacto que esse ato iria causar entre as suas famílias, caso alguém descobrisse. Fato esse que em 1814 foi descoberto pelo próprio Brás Cubas, quando era criança.

Este fato ocorreu devido a uma vingança planejada por Brás contra o Doutor Vilaça, ao se sentir irritado pela demora com que recitava e prolongava a sobremesa. Diante disso, passa a segui-lo e observá-lo, percebendo um contexto diferente associado a uma senhora, a Dona Eusébia, se esconde entre as folhas de um jardim, e vê os dois conversando sobre o amor que sentem um pelo outro, consequentemente se beijam, e Brás põe seu plano de vingança em ação, contando para todos presentes em sua casa que o Doutor Vilaça beijou dona Eusébia, Assis (2009):

[...] puxou-a para si; ela resistiu um pouco, mas deixou-se ir; uniram os rostos, e eu ouvi estalar, muito ao leve, um beijo, o mais medroso dos beijos.
– O Doutor Vilaça deu um beijo em Dona Eusébia! Bradei eu correndo pela chácara.

Foi um estouro esta minha palavra; a estupefação imobilizou a todos; os olhos espriavam-se a uma e outra banda; trocavam-se sorrisos, segredos, à socapa, as mães arrastavam suas filhas pretextando o sereno. Meu pai puxou-me as orelhas, disfarçadamente, irritado deveras com a indiscrição (ASSIS, 2009, p.45 e 46).

Com base nisso, a reação das pessoas ao ouvirem esse comunicado foi de inquietação e espanto, principalmente por parte das mães, que estavam com suas filhas, que utilizaram o termo “sereno”, para indicar que estava tarde da noite e que poderiam ter consequentemente devido a essa exposição um resfriado, para assim levarem suas filhas para casa e não ouvissem e presenciasse essa situação e o constrangimento de seu pai ao ouvi-lo falar isso, conforme relata Assis (2009).

A partir desse acontecimento, a vida de Eusébia mudou completamente, pois o seu relacionamento com um homem casado, tornado público, manchou o nome de sua família. Desse adultério nasce Eugênia, jovem que possui uma deficiência física, fato esse que a impossibilita de casar-se com Brás Cubas pois para ele isso era mais importante do que a forma como foi concebida. Sua mãe ao ter sido exposta em público e ter uma filha de forma não conjugal sofre as consequências de não conseguir um relacionamento matrimonial com ninguém. Segundo Carmo e Silveira (2023), o homem ao se casar torna-se o patriarca da família e consequentemente não aceitaria deixar sua fortuna para alguém que seja fruto de um adultério e não o seu filho legítimo.

De acordo com Carmo e Silveira (2023) “[...] a mulher adúltera não tinha um ‘final feliz’ e os escritores garantiam para as suas personagens infiéis, em grande maioria das vezes, finais trágicos como o exílio, doenças emocionais e a morte, trazendo para a literatura aquilo que a sociedade propagava”. (CARMO E SILVEIRA, 2023, p.16)

Esse fato é observado na obra quando Brás Cubas faz uma visita a Eusébia, e encontra Eugênia, que assim que a ver relembra o caso de 1814. Brás ao passar a fazer visitas com frequência a casa, Eusébia torna-se esperançosa a respeito de um casamento para sua filha, com alguém de classe superior à dela, para possivelmente restituir o nome de sua família. Em uma de suas visitas, ao decorrer de um passeio Brás Cubas começa a observá-la atentamente e nota que Eugênia demonstra um pouco de dificuldade, ao caminhar, a partir disso, seu interesse por Eugênia o torna confuso, pois a moça era coxa, como o mesmo declara: “Porque bonita, se coxa? Porque coxa, se bonita?” (Assis, 2009, p.75). Esse fato para Brás Cubas é mais importante para o status na sociedade, do que a forma como ela surgiu ao mundo.

Em Assis (2009), com o passar dos anos, ao sair para distribuir esmolas para as pessoas que viviam com dificuldades financeiras e necessitavam de ajuda para conseguirem sobreviver, Brás reencontra Eugênia, ainda “coxa e triste”. Esse fato nos descreve como as ações de seus pais no passado infligiram a sua situação atual, pois o adultério cometido pelos homens era visto como algo normal, pelas mulheres como algo inadmissível, que prejudicaria totalmente a sua reputação, como observamos em Eusébia e Eugênia, que apesar da filha não ter cometido esse ato, sofreu as consequências dos atos de seus pais.

4.3 Prudêncio e o Sistema Escravocrata

Segundo Vilarinho (2020), a situação escravista era um tema muito abordado por Machado de Assis. O autor buscou apresentar em suas obras literárias, de forma atenciosa e principalmente crítica, esses acontecimentos em uma história ficcional que foram baseados em fatos que aconteceram de forma real a esses povos, como é representado na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Na obra, ainda criança, Brás Cubas trata os escravos de sua casa como se fossem animais e seres inferiores. Um episódio que marca esse fato é quando o próprio narrador relata, sem demonstrar arrependimentos, a agressão que cometeu a uma escrava, apenas por birra: “*Um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher de doce de coco.*” (ASSIS, 2009, p.39). A partir disso, torna-se evidente, não apenas a forma como o ato ocorreu de forma brutal, mas, a maneira como a violência a essas pessoas era tratada e aceita, por uma sociedade que o seu crescimento era baseado nesses aspectos.

Um outro exemplo desses acontecimentos fortemente cruéis, ocorreu entre Brás e Prudêncio, um escravo da casa que lhe servia como um animal, como ele mesmo descreve: “*Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e o outro, e ele obedecia.*” (ASSIS, 2009, p.40). Essa passagem deixa claro a desumanização sofrida pelos escravos, sem se importarem se eram crianças ou adultos, por seus senhores, ao ponto de lhes servirem independentes de sua idade, como forma de diversão para os filhos de seus patrões.

Os escravos eram trazidos ao Brasil ilegalmente e de forma precária em navios negreiros, sem possuir nenhum direito, algo que era mantido em sigilo, como Assis (2009) afirma:

Um sujeito, ao pé de mim, dava a outro a notícia recente dos negros novos, que estavam a vir, segundo cartas que recebera de Loanda, uma carta em que o sobrinho lhe dizia ter já negociado cerca de quarenta cabeças, e outra carta em que... Trazia-as justamente na algibeira, mas não as podia ler naquela ocasião. O que afiançava é que poderíamos contar, só na viagem, uns cento e vinte negros, pelo menos (Assis, 2009, p.44).

Na narrativa, o tema da escravidão é abordado de maneira natural pelos personagens, que segundo Schwarz (2000) “O tráfico de africanos por exemplo continuou a ser alto negócio, ‘o mais lucrativo sob o sol’, até a sua supressão definida em 1850”, o qual ao longo dos anos serviu para o aumento do sistema financeiro do país.

Prudêncio após anos trabalhando para a família de Brás, finalmente é liberto. Depois de algum tempo desse ocorrido, Brás durante uma caminhada encontra um negro agredindo outro negro, fato esse que lhe chama atenção. Ao se aproximar descobre que o negro que estava agredindo o outro era Prudêncio, algo que o deixa perplexo ao saber que o negro agredido era de Prudêncio. (Assis, 2009)

Sobre esse ato Schwarz (2000) informa que “Tratava-se naturalmente de Prudêncio, que depois de liberto comprara um escravo por sua vez, em que descontava as pancadas recebidas outrora.”. Portanto, o ciclo de violência era repassado não apenas pelos senhores brancos do poder social, mas também pelos próprios escravos entre si, como vingança pelos maus-tratos que sofreu, pois achavam que representava poder.

Esse ciclo de violências é apresentado em dois episódios, o primeiro acontece quando Brás Cubas ainda era criança, e obriga seu escravo Prudêncio a ser o seu cavalo, rastejando pela casa com Brás Cubas em suas costas. Ao longo da caminhada pela casa, Prudêncio o obedecia, mas também demonstrava sinais de incomodo, Brás Cubas o reprendia, como mostra: “[...] dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, - algumas vezes gemendo - mas obedecia sem dizer uma palavra, ou quando muito um - ‘ai, nhonhô!’ - ao que retorqui: - ‘Cala boca besta!’”. Por outro lado, esse ato aparece novamente na obra depois, mas praticado agora pelo próprio Prudêncio com seu escravo, isso deixa perplexo até mesmo Brás Cubas ao ver, pois era que não espera ser exercido pelo mesmo grupo social. Entretanto, o que nos

confirma a repetição desses atos violentos entre diferentes classes sociais, sem se importarem se eram escravos contra escravo ou senhores contra seus escravos, foi a forma como Prudêncio repreende o seu escravo, sendo a mesma coisa que recebia quando apanhava de Brás Cubas (ASSIS, 2009),

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu, mas um ajuntamento; era preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: - “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

- Toma diabo! Dizia ele; toma mais perdão, bêbado!
- Meu senhor! Gemia o outro.
- Cala boca, besta! Replicava o vergalho. [...] (Assis, 2009, p.114).

Nota-se, na narrativa, a presença do tema da escravidão como um dos destaques, sendo constantemente utilizado por Machado de Assis como forma de crítica à sociedade da época, que utilizava o meio escravista para obtenção de lucros e trabalhos. Essa perspectiva está associada ao fato de o autor possuir ascendência de pessoas escravas, o que torna a sua crítica a esses episódios ainda mais marcantes. O autor denuncia o processo de desumanização dos escravos e a violência cometida contra eles, como acontece ao Prudêncio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa destacou-se pela análise da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, com o objetivo de examinar alguns temas centrais impostos pela sociedade brasileira do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, como as relações familiares patriarcais analisadas através do personagem Brás Cubas, que eram caracterizadas como um sistema que destacava os homens como o líder, e chefe da casa e que tomariam quaisquer decisões sobre as diferentes situações que surgissem ao longo desse tempo. Já as mulheres não possuíam autoridade para resolverem e tomarem suas próprias opiniões para decidirem suas situações seja elas quais fossem. Além disso, o sistema escravista, examinado através de Prudêncio, possuía grandes vínculos financeiros para os senhores da época, com a sua utilização de forma desumana entre os escravos que eram tratados até mesmo como animais para servirem aos filhos de seus senhores. O adultério, analisado por meio de Eugênia, foi

outro tema muito impactante para a época quando exercido principalmente por uma mulher, os homens podiam cometer esse ato, mas as mulheres eram proibidas até mesmo de ouvirem falar sobre esse tipo de assunto, que caso ocorresse desonraria o nome da família.

Os personagens foram criados especialmente para a representação social de forma clara, trazendo elementos característicos da época, como a utilização de casamentos obrigados pelos pais, pois eram eles considerados a figura de autoridade perante todos da casa e sobre todas as coisas, que decidiam quais caminhos seus filhos deveriam seguir.

Os resultados obtidos durante a pesquisa estão relacionados às críticas que Machado de Assis fazia por meio de personagens ficcionais da sociedade da época, representados na obra que serviam para compreender como as pessoas eram tratadas em diferentes contextos, caso fossem de classes e situações distintas uma das outras, como é o caso da escravidão, em que os negros eram trazidos de forma ilegal para países diferentes para trabalharem de forma desumana e sem direito algum. Além disso, o adultério que era visto pelos homens como algo normal para o público masculino, mas caso fosse realizado por mulheres seria considerado uma desonra para as suas famílias e nunca mais conseguiriam restituir esse ocorrido, fato que para as mulheres seriam mais complicados do que para os homens. Por fim, temos a família, pela qual todas as decisões eram tomadas apenas por um integrante no caso um homem, que fazia jus a todas as decisões da casa e dos demais integrantes.

Em suma, conclui-se que a análise foi realizada de forma satisfatória para a contribuição literária proposta por Machado de Assis em sua obra por representar o contexto social de forma crítica focando na realidade sofrida por uma época, marcada por ações que infligiram leis e costumes, que destruíram famílias por ações ouvidas apenas por homens e jamais por mulheres, pois eram vistas como um ser sem voz para decidir nenhuma situação, tanto pessoal como dos demais integrantes familiares, como ocorre o patriarcalismo, sistema que dominava o público feminino da época.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alessandro Cavassin. **Nepotismo como categoria de análise sociológica**. In: OLIVEIRA, Ricardo Costa (org.). **Família importa e explica: Instituições políticas e parentesco no Brasil**. São Paulo: LiberArs, 2018, v. 1, p. 119-134.

ANDRADE, Letícia Ésther de. **A consolidação do patriarcado no Brasil: a origem das desigualdades entre homens e mulheres**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. 2021, p. 25-39.

ARAÚJO, Bárbara Del Rio; RIBEIRO, Débora; BARBOSA, Mariana Franco. Memórias póstumas de Brás Cubas e a representação crítica do processo de modernização brasileira. **ARREDIA**, v. 5, n. 8, p. 53– 64, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/arredia/article/view/4882>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Leite. **PATRIARCALISMO E O FEMINISMO: uma retrospectiva histórica**. Revista Ártemis, 2004, v. 1.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. - São Paulo: Cultrix, 2006.

CARMO, Erika Edmila Veras do; SILVEIRA, Micaela Sá da. **Júlia Lopes de Almeida e Machado de Assis: visões sobre o adultério no século XIX**. 2023. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Federal Rural do Semi Árido, 2008.

GUMBRECHT, Hans Ulrich; ENDEBO, Nelson Shuchmacher; RANGEL, Marcelo Mello. **Realismo na literatura brasileira**. Arte filosofia. Ouro Preto (MG), n. 25, dez. 2018. p. 4-11.

REIS, Martha, dos. **Família e parentesco na sociedade contemporânea**. Educação em Revista, Marília. São Paulo, v. 3, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/215>. Acesso em: 20 jun. 2025.

LULA, Darlan de Oliveira; SACCHETTO, Maria Elizabeth; FERNANDES, Marcos Rogério Cordeiro. **O paradoxo do realismo em Machado de Assis: Memórias póstumas de Brás Cubas**. Revista CES, 2001, p. 1-16. Projeto de pesquisa “Vieses e Reveses da Crítica Literária Machadiana”.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. Como definir família. **Família importa e explica: Instituições políticas e parentesco no Brasil**. São Paulo: LiberArs, 2018 v. 1, p. 27-47.

PEREIRA, Jefferson. CARACTERIZAÇÃO DO REALISMO E NATURALISMO NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar**, 2021 v. 2, n. 11.

SANTOS, Alessandra Rufino. A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. **EXAMÃPAKU (revista descontinuada)**, 2008, v. 1, n. 1.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

SIFFERT, Alysson Quirino. **O realismo do fantástico em Machado de Assis**. Contraponto, 2020, v. 9, n. 2, p. 153-173.

VILARINHO, Murilo Chaves. **Literatura Machadiana**: Patrimônio cultural que expressa a dinâmica social e dimensão imaterial de um povo. Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, 2020, v. 30, n. 1, p. 105-115. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7587> . Acesso em: 27 jun. 2025.